

Os vales sem retorno da Bretanha, as regiões de onde não se volta na Cornualha, a Terra proibida na Amazônia, a cidade de Luz, a cidade do Rei do Mundo nas tradições de que nos fala Guénon, são exemplos disto.

Por todos os cantos do mundo, a lenda e a tradição falam de domínios encantados onde se pode ir e de onde se pode voltar, mas que não são traçáveis num mapa, nem acessíveis por meios comuns. Ainda encontramos atualmente, principalmente no Irã, relatos contemporâneos de viajantes que visitaram estes países que existem em um nível diferente do nosso.

A ficção científica, que é a herdeira natural do folclore, apoderou-se naturalmente desta idéia. Também houve algumas tentativas curiosas de ligar o universo da ficção científica ao universo da tradição, como por exemplo o muito curioso *Mont Analogue* de René Daumal (Gallimard).

A ficção científica emitiu uma porção de idéias interessantes neste domínio. Contudo, podemos censurá-la por ter tornado popular a expressão "universo paralelo". Eu mesmo a usei e fiz mal. Pois, por definição, os paralelos não se encontram: ora, o interesse destes universos "mais próximos de nós do que nossos pés e mãos", como disse Wells, é que eles possuem pontos de encontro com o nosso. Deixemos de lado, por enquanto, a Tradição lendária e a ficção científica, não sem chamar a atenção do leitor para o excelente livro de Serge Hutin *Voyages vers Ailleurs* (Arthème Fayard), e vejamos aqueles que levaram a idéia a sério.

Entre estes, temos que apontar, em primeiro lugar, René Guénon.

Este escritor é extremamente irritante, não só pela sua obscuridade como pelo tom altamente superior e insolente que assume<sup>2</sup>.

Contudo, penso que sua obra, após ter feito a travessia do deserto, vai ser examinada de uma maneira séria, para que dela se extraia um certo número de idéias interessantes.

Da obra de René Guénon, da leitura de alguns hindus, de algumas conversas com uns orientais que conheciam o assunto, concebi a seguinte imagem da geografia sagrada. Se os seguidores de Guénon me censurarem por ter traído o pensamento do Mestre, responderei que não me baseio unicamente em Guénon. Feita a ressalva, eis a imagem:

Há uma infinidade de estados, de níveis, de superfícies de Riemann, de pregas topológicas ou planos de existência ligados à Terra.

Desses planos, sete nos são acessíveis, ou pelo menos são acessíveis aos altos iniciados. São chamados de os sete dwipas. Não conheço a origem desta palavra. Um cientista chinês moderno diria que isto se explica pela teoria dos extratos, ou camadas, uma das mais recentes concepções dos cientistas da China popular. Infelizmente, não possuo conhecimentos matemáticos suficientes para compreender a teoria dos extratos, que ainda por cima, é constantemente interrom-

<sup>2</sup> Na verdade ele afirma: "Não temos que informar ao público as nossas verdadeiras fontes. . . Estas não comportam a menor referência" (*Le Voile d'Isis*, novembro de 1932, página 734). Que permitam ao humilde pesquisador que sou acrescentar que está muito bem tomarmos esta atitude se contamos verdadeiramente com algumas fontes. Se, pelo contrário, inventamos coisas de todo jeito, não merecemos mais respeito do que qualquer outro autor de ficção científica.